

3 + 1

no fim de tudo está o começo, a negociação!
at the end of it all there's the beginning, the negotiation!

Carlos Noronha Feio

17.06.21 – 31.07.21

Inauguração | *Opening* 14h – 20h, 17.06.21

*Bending it like Carlos**

Jogadores de futebol, de basebol, e de críquete passam as vidas a tentar ultrapassar a bola fácil, a trajetória direta, o atalho sem desvio. Passam anos a tentar criar a curvatura da bola que dá a volta, e supera a equipa contrária. A nova série de pinturas de Carlos Noronha Feio são o equivalente artístico, na medida em que o que o artista encontrou foi uma maneira de contornar a abstração direta. Formas de nuvens abstratas ameaçam reunir-se nas suas telas e são interrompidas por rabiscos em néon e tiras de metal dobradas. Como ele diz, “o metal é alumínio dourado reluzente, trazido diretamente da prateleira de uma loja de materiais de construção, uma coisa barata que finge ser cara. Gosto da ilusão: barras de ferro, gosto da força, da ferrugem, do material.”

A marcha em direção à abstração foi certamente a maneira mais comum de contar a história da arte do século XX. “Apercebi-me que estava a lutar para evitar as linhas”, lembra Noronha Feio sobre obras anteriores. Contudo ele estava a confrontar muito mais do que as restrições de uma história da arte linear. Como o próprio explicou na sua tese de doutoramento, “achei necessário entender que tipo de indivíduo é capaz de quebrar com o status quo da sua própria relação linear com o mundo em geral”. O artista procurou uma escapatória a este dilema nas teorias de Foucault, Giorgio Agamben, e Gilles Deleuze. Ele cita Deleuze: “convidar o leitor a imaginar milhares de linhas em movimento em todas as infinitésimas direções, de todas as formas e tamanhos, algumas criando pontos de interseção”.

Quando olhamos para as novas pinturas de Noronha Feio, é difícil esquecer a procura da abstração pura. É um ponto de partida. Claro, que foi sempre uma busca impossível. A abstração não se consegue atingir. A busca por este ideal poderá ter sido começada por Platão, mas as justificações para a pintura abstrata de tipos como Greenberg tornaram-se cada vez mais absurdas e insustentáveis. A afirmação de Foucault e Deleuze, de como muitas linhas não-direitas são uma maneira de pensar, era uma celebração já mais do que merecida em como o mundo não se rege por uma única regra, ou certamente não uma que possamos entender.

Antes desta exposição, Noronha Feio estava a trabalhar numa série de colagens e pinturas inspiradas por dois livros

Bending it like Carlos

Footballers, baseball players and cricketers have spent their lives trying to get over the straight ball, the straight trajectory, the undeviating beeline. They have spent years trying to create the curved ball that gets round the opposition. Carlos Noronha Feio's new series of paintings are the artistic equivalent in that he has found a way around straight abstraction. Abstracted cloud forms threaten to assemble on his canvases and they are interrupted by neon squiggles and bent strips of metal. As he says, 'The metal is golden shining aluminium, bought straight from the shelf of a DIY shop, something cheap pretends to be expensive. I like the illusion: irons rods, I like the strength, the rust, the material.'

The march towards abstraction was certainly the most common way to tell the history of twentieth century art. 'I was finding myself fighting to avoid the lines,' Noronha Feio recalls about earlier work. However, he was confronting a lot more than the restrictions of linear art history. As he explained in his PhD thesis, 'I felt it necessary to understand what sort of individual is able to break the status quo of his or her own linear engagement with the world at large.' He looked for escape for this dilemma in the writings of Foucault, Giorgio Agamben and Gilles Deleuze. He quotes Deleuze 'inviting the reader to imagine thousands of lines moving in every infinitesimal direction, in all shapes and sizes, with some creating points of intersection.'

It is difficult to forget the pursuit of pure abstraction looking at Noronha Feio's new paintings. It is a starting point.

Of course it was always an impossible quest. Abstraction is not attainable. Plato may have started us on this search for the ideal, but the justifications for abstract painting by the likes of Greenberg came more and more absurd and unsustainable. Foucault's and Deleuze's assertion of many non-straight lines as a way of thinking was a well over-due celebration that the world does not run along one rule, or certainly not one we can understand.

Previous to this show, Noronha Feio was working on a series of collages and paintings inspired by two old books: *Native Peoples of the Pacific World* and *Plant Life of the Pacific World*. These two colonialist publications, produced alongside such titles as *How the Jap Army Fights*, *Machine*

3 + 1

antigos: *Native Peoples of the Pacific World* and *Plant Life of the Pacific World* [Pessoas Nativas do Mundo do Pacífico e A Vida das Plantas do Mundo do Pacífico]. Estas duas publicações colonialistas, produzidas juntamente com títulos como *How the Jap Army Fights* [Como Luta o Exército Japonês], *Machine Gunners Handbook* [Manual de Metralhadoras], *They Were Expendable* [Eles Eram Dispensáveis], and *Handbook for Army Wives and Mothers* [Manual para Esposas e Mães do Exército], faziam parte da série *The Fighting Forces*, *The Infantry Journal* [As Forças de Combate, O Diário da Infantaria]. O livro sobre as plantas do Pacífico explica-se declarando que “a informação que contém pode estimular os membros das Forças Armadas, enquanto não estão em serviço de combate ativo, fazendo-os notar as riquezas naturais que os rodeiam”. Conclui depois, se não estando a serviço, o “indivíduo, seja onde estiver no Oriente” vai com certeza encontrar plantas interessantes que pode enviar para identificação. “Os espécimes devem ser numerados em série, de maneira a que os nomes sejam devolvidos por números”. Quase conseguimos ouvir o autor, e o seu comandante, a dizer ao leitor para não se curvar e para se pôr direito quando estamos a falar com ele.

O fascínio absurdo destes livros foi irresistível para um artista empenhado em revelar a absurdidade do nosso processo desatualizado de pensamento. Carlos Noronha Feio pensou em roubar destes livros. Calmamente, ele explica: “no livro *Native* usei as imagens como fundos nas pinturas, trabalhando contra esses fundos. No livro *Plants*, usei as plantas como referência, mas nunca usei as próprias imagens em lado nenhum”. Todavia, no final, esta tentativa de apropriar e transformar estes manuais de instruções levaram o artista ao limite. O peso de geração atrás de geração, a colocar o mundo em ordem, muito certinho, a dividir tudo em pacotes numerados, foi demais.

A nova série de pinturas de Noronha Feio são uma maneira de se libertar do par de Sergeant Majors, do autor de *Plant Life*, Elmer D Merrill, e de Clement Greenberg. Assim podemos olhar e desfrutar estas pinturas em paz, ou será que podemos? Um dos capítulos da tese de doutoramento de Noronha Feio é dedicado ao colectivo Claire Fontaine. Ele cita Fontaine quando dizem, “Para as revoltas a vir, vai ser necessário pensar contra nós mesmas (...) é a única maneira de lutar contra a nossa exploração (...) pensar contra nós mesmas vai significar pensar contra a nossa identidade e o nosso esforço em preservá-la”. As pinturas de Noronha Feio são estímulos neste processo. Não são prescritivos. Não gritam ordens, mas deixam-nos com o Sargento Major mais feroz de todos — o nosso eu em constante mudança. Noronha Feio acaba a sua tese de 334 páginas admitindo que a sua intenção é “subverter o subvertido, um passo de cada vez”. Estão avisados.

Gunners Handbook, *They were Expendable*, and *Handbook for Army Wives and Mothers*, were from *The Fighting Forces Series*, *The Infantry Journal*. The book on Pacific plants explains itself by claiming that ‘the information it contains may stimulate the members of the Armed Forces, while not on active combat duty, to note the natural riches around them.’ It goes on to conclude that if the off-duty ‘individual, no matter where located in the Orient’ should find interesting plants they could send them in for identification. ‘Specimens should be numbered serially, so that the names may be returned by number.’ One can practically hear the author, and his commanding officer, telling the reader to stop slouching and stand up straight when being spoken to.

The absurd lure of these books was irresistible to an artist endeavouring to reveal the absurdity of our outdated thinking processes. Carlos Noronha Feio looked to steal from these books. He calmly explains that “in the “Native” book, I used the images as backgrounds in the paintings, working against them. With the “Plants” book I used them as reference, but I never actually used the original images anywhere.’ Yet in the end the attempt to appropriate and transform these instructional manuals drove him screaming from the attempt. The weight of generation after generation, neatly putting the world in order, to divide it up into neat packages and put numbers on it, was too much.

Noronha Feio’s new series of paintings are a release from the pair of Sergeant Majors, Elmer D Merrill, author of ‘Plant Life’ and Clement Greenberg. One can look at and enjoy these paintings in peace, or can you? One of the chapters of Noronha Feio PhD is devoted to the collective Claire Fontaine. He quotes Fontaine saying ‘thinking against ourselves will be the necessity of the revolts to come... the only way to fight our exploitation ... thinking against ourselves will mean thinking against our identity and our effort to preserve it.’ Noronha Feio’s paintings are triggers in this process. They are not prescriptive. They are not barking out orders, but rather leave one with the fiercest Sergeant Major of them all – the ever-changing self. Noronha Feio ends his 334 page thesis by admitting that his intention is to subvert ‘the subverted one step at a time.’ You have been warned.

Alistair Hicks, 05.21

Translation | Tradução: Susana Pomba

3 + 1

* Nota: Optou-se por não traduzir o título, um trocadilho que faz referência ao conhecido filme, *Bend It Like Beckham* (2002), realizado por Gurinder Chadha, que tem como título em Português, *Joga Como Beckham*.

Carlos Noronha Feio (Lisboa, 1981) vive e trabalha em Oeiras e Moscovo. Através do seu trabalho multidisciplinar, Carlos Noronha Feio analisa temas como a identidade, nacionalismo e cultura local e global. A sua prática procura questionar conceitos pré-concebidos de pertença ao assimilar referências históricas, geográficas e políticas, justapondo-as de forma a engendrar as suas próprias composições. Noronha Feio obteve um Doutoramento do Royal College of Art London. Exposições individuais seleccionadas: *o peculiar é um detalhe no todo comum*, Q22, Colégio das Artes, Coimbra (2021); *Zero/Zero*, (com Délio Jasse) Galeria Municipal de Almada, Lisboa (2019); *{sunsight!}/{sunclipse!}*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2019); *even if at heart we are uncertain of the will to connect, there is a common future ahead*, Narrative projects, Londres (2018); *A Matter of Trust*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscovo (2017); *banhados pela luz brilhante do pôr do sol*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa (2015); e *Oikonomia: A Matter of Trust*, MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa (2015). Exposições coletivas incluem: *Dissonâncias*, MNAC, Lisboa (2020); *Sonho Europeu: Obras da Coleção Norlinda e José Lima*, Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco (2019); *The fabric of felicity*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscovo (2018); *Variations Portugaises*, Centre d'Art Contemporain de Meymac (2018); *Futures*, CAC Vilnius (2017); *You Are Now Entering.....*, CCA Londonderry/Derry (2012); e *Image Wars*, Abrons Art Centre, Nova Iorque (2011). Entre 2009 e 2014, Noronha Feio foi director do The Mews Project Space em Londres. As suas obras foram incluídas na publicação "The Art of Not Making: The New Artist/Artisan Relationship", bem como "Nature Morte: Contemporary Artists Reinvigorate the Still Life Tradition", publicados por Thames & Hudson. Coleções incluem: Coleção Armando Martins, Portugal; MAAT - Fundação de Arte EDP, Portugal; Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Saatchi Collection, Reino Unido; Fundação PLMJ, Portugal; MNAC - Museu do Chiado, Portugal; MAR - Museu de Arte do Rio, Brasil; entre outras coleções públicas e privadas, nacionais e internacionais.

Carlos Noronha Feio (Lisbon, 1981) lives and works in Oeiras and Moscow. Through his multimedia work, Carlos Noronha Feio analyzes themes such as identity, nationalism and local and global culture. His practice seeks to question preconceived concepts of belonging by assimilating historical, geographical and political references, juxtaposing them to engender his own compositions. He holds a PhD from the Royal College of Art London. Noronha Feio's selected solo shows include: *o peculiar é um detalhe no todo comum*, Q22, Colégio das Artes, Coimbra (2021); *Zero/Zero*, (with Délio Jasse) Galeria Municipal de Almada, Lisbon (2019); *{sunsight!}/{sunclipse!}*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisbon (2019); *even if at heart we are uncertain of the will to connect, there is a common future ahead*, Narrative projects, London (2018); *A Matter of Trust*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscow (2017); *banhados pela luz brilhante do pôr do sol*, 3+1 Arte Contemporânea, Lisbon (2015); and *Oikonomia: A Matter of Trust*, MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisbon (2015). Group shows: *Dissonâncias*, MNAC, Lisbon (2020); *Sonho Europeu: Obras da Coleção Norlinda e José Lima*, Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco (2019); *The fabric of felicity*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscow (2018); *Variations Portugaises*, Centre d'Art Contemporain de Meymac (2018); *'Futures'*, CAC Vilnius (2017); *You Are Now Entering.....*, CCA Londonderry/Derry (2012); and *Image Wars*, Abrons Art Centre, New York (2011). From 2009 up to 2014 he was a director of The Mews Project Space in London's east end. Noronha Feio's work is included in the publications "The Art of Not Making: The New Artist/Artisan Relationship" as well as in "Nature Morte: Contemporary Artists Reinvigorate the Still Life Tradition", published by Thames & Hudson. He is present in several collections including: Coleção Armando Martins, Portugal; MAAT - Fundação de Arte EDP, Portugal; Coleção Norlinda e José Lima, Portugal; Saatchi Collection, UK; Fundação PLMJ, Portugal; MNAC - Museu do Chiado, Portugal; MAR - Museu de Arte do Rio, Brazil; amongst other national and international private and public collections.

3 + 1

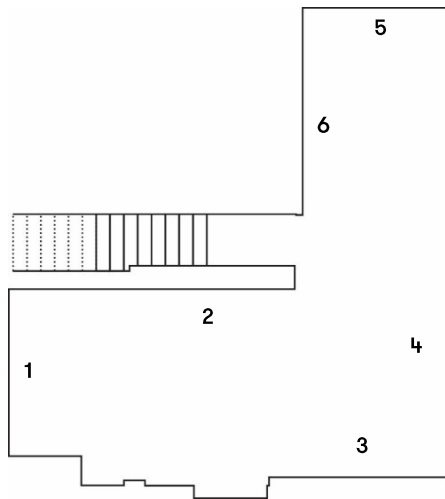
no fim de tudo está o começo, a negociação!
at the end of it all there's the beginning, the negotiation!

Carlos Noronha Feio

17.06.21 – 31.07.21

Inauguração | Opening 14h – 20h, 17.06.21

GALERIA | GALLERY 1



1. *medusa em flor vermelha*, 2021, Luz neon | Neon light, 85 x 30 x 25 cm

2. *have you heard the one about the sea and the sun?*, 2021, Óleo, tinta spray, tempera, guache, pastéis a óleo e alumínio dourado sobre linho | Oil, spray paint, tempera, gouache, oil pastel, and golden aluminium metal on linen, 235 x 190 x 7 cm

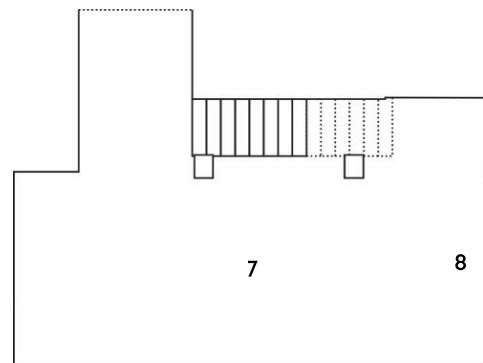
3. *it could have been a flower, instead it became a heart*, 2021, Óleo, tinta spray, guache e luz neon (argónio) sobre linho | Oil, spray paint, gouache, neon (argon) light on linen, 200 x 150 x 9 cm

4. *blooming blown burning bright, of figures and peoples feel no fright*, 2021, Óleo, tinta spray, tempera, guache e alumínio dourado sobre linho | Oil, spray paint, tempera, gouache and golden aluminium on linen, 165 x 100 x 3 cm

5. *an elusive predicate – oh! so nice, so nice, so damn nice*, 2021, Tempera, guache e luz neon sobre linho | Tempera, gouache, and neon light on linen, 200 x 150 x 9 cm

6. *super!*, 2021, Tempera, guache, pastéis a óleo e alumínio dourado sobre linho | Tempera, gouache, oil pastel, and golden aluminium metal on linen, 123,5 x 75 x 16 cm

GALERIA | GALLERY 2



7. *a cobra, o vento e o poder rosa*, 2021, Luzes neon e argónio, 3 elementos | Neon and argon lights, 3 elements, 30 x 100 x 45 cm / 25 x 75 x 60 cm / 40 x 100 x 45 cm

8. *how to get, and what to do for, the long, not the wrong, end of the stick?*, 2021, Óleo, tempera, guache, e pastéis a óleo sobre linho, tinta spray, barra de ferro, fio de nylon | Oil, pigment, tempera, gouache, and oil pastel on linen, spray paint, iron rod, nylon string, 190 x 235 x 75 cm